

5 Conclusão

“Como todos os homens da Biblioteca, viajei em minha mocidade; peregrinei em busca de um livro, talvez o catálogo dos catálogos; agora que meus olhos quase não podem decifrar, preparo-me para morrer a umas poucas léguas do hexágono onde nasci. Morto, não faltarão mãos piedosas que me atirem pela balaustrada; minha sepultura será o ar insondável; meu corpo afundará longamente e se corromperá e dissolverá pela queda, que é infinita. Eu afirmo que a Biblioteca é interminável. Os idealistas argüem que as salas hexagonais são uma forma necessária do espaço absoluto ou, pelo menos, de nossa intuição de espaço. (...) Os místicos pretendem que o êxtase lhes revele uma câmara circular com um grande livro circular de lombada contínua, que dá toda a volta das paredes (...) Esse livro cíclico é Deus.”

Jorge Luis Borges, *A Biblioteca de Babel*.

Durante os percalços desta longa jornada, pudemos observar como Nelson Rodrigues nos deixou mais do que um legado artístico, tendo fundado um novo idioma no interior da língua portuguesa, façanha que, no universo da literatura brasileira, talvez só encontre paralelo na obra de Guimarães Rosa. Todavia, enquanto a obra de Rosa é recorrentemente incensada, aqui e no exterior, por sua genialidade indiscutível, a de Nelson continua sem receber o devido reconhecimento, o que se prova, em grande parte, pelo anonimato quase absoluto em terras estrangeiras. Mesmo a maioria dos brasileiros, destarte a febre de montagens e adaptações cinematográficas recentes, ainda não consegue perceber precisamente a dimensão de sua empresa artística, considerando-o, na maioria das

vezes, apenas um autor peculiar ou, quando muito, um “gênio da pornografia”, uma espécie de Sade tupiniquim.

Relegar a importância da herança de Nelson à esfera da pornografia se revela um posicionamento tão simplista quanto ingênuo, e é com pesar que constatamos que a opinião pública continua se esforçando em cristalizar essa imagem equivocada e redutora do autor como um pornógrafo. Em outro plano, também subsiste a imagem do polemista debochado, do homem que cultivava o prazer quase mórbido de se manifestar contrário às tendências de sua época. Não resta dúvida de que figuras controvertidas como Nelson são um prato cheio para os interesses mercantilistas das mídias, que maximizam seus lucros explorando à exaustão as possibilidades de polêmicas financeiramente rentáveis. O público médio, por sua vez, exerce com maestria o seu papel de títere e embarca de olhos fechados nessa “canoa furada” pautada pelo sensacionalismo sem escrúpulos.

No fim desse jogo “armado”, quem sai perdendo somos nós, admiradores de sua obra e talento, que observamos com tristeza os inúmeros engodos mercantilistas e desinformadores erigidos sobre a imagem “polêmica” do autor. Os que convivem com assiduidade nos meios universitários também devem se lamentar a respeito da posição secundária reservada a Nelson, em detrimento de autores com talento inferior, que hoje ocupam lugares privilegiados devido a modismos passageiros. Até mesmo os que se dedicam a estudos relacionados à sua obra, costumam considerá-lo, em vias de regra, apenas como um dramaturgo de gênio, o que resulta na opção de abarcarem em suas pesquisas somente as questões relacionadas ao teatro do autor. Muitos deles agem como se desejassem varrer para baixo do tapete a parcela menos “nobre” da produção de Nelson, como se esta, por si, pudesse representar um traço auto-difamatório apenas pelo fato de não ter freqüentado os espaços destinados à “alta cultura”.

Tendo em vista essa série de simplificações, intencionais ou não, perpetrados por grande parte dos estudiosos e da opinião pública, objetivamos, através dessa dissertação, trazer ao leitor uma visão mais ampla da obra de Nelson, que atente, principalmente, para o caráter de multiplicidade inerente ao seu universo ficcional. Sendo este o nosso principal objetivo, não nos impomos a necessidade de atingir qualquer espécie de conclusão definitiva, procurando, ao contrário, trabalhar sempre no campo das possibilidades interpretativas.

Em nosso ponto-de-vista, qualquer definição totalizante sobre Nelson Rodrigues (pornógrafo, polêmico, reacionário) é *a priori* simplificadora, pois omite o(s) outro(s) lado(s) da moeda, que subsiste(m) em igualdade de forças. Compreendemos que a eliminação dos paradoxos é, muitas vezes, um procedimento confortável e atraente, no sentido de que facilita a análise, assim como permite ao analista impor uma determinada visão que mais o agrada pessoalmente. Entretanto, quando o objeto a ser estudado é a obra de Nelson Rodrigues, independentemente do escopo, devemos ter em conta a posição de centralidade que o “paradoxo” ocupa em seu universo. Assim, em vez de nos esforçarmos em eliminar os paradoxos, devemos, ao contrário, abraçá-los, como o fez, durante toda a sua vida, o próprio Nelson, que mergulhou, destemidamente, nessa galáxia de contradições que costumamos chamar de “ser humano”.

De posse dessa convicção, nos permitimos atingir uma dimensão do artista e da obra que não “é” mas, antes, se caracteriza pelo movimento constante, que pode vir a assumir múltiplas facetas. Antes de ser “um”, Nelson é “muitos”, um coringa polimorfo que troca de máscara ao sabor das circunstâncias, sem que isso o torne, necessariamente, um maquiavélico ou um mercenário armado da palavra. Mais um paradoxo a ser contabilizado.

No decorrer do presente trabalho, procuramos, acima de tudo, honrar essa característica de multiplicidade paradoxal, trazendo ao leitor uma síntese dos inúmeros papéis assumidos por essa figura tão singular quanto genial. Entretanto, e para nossa surpresa, Nelson acabou se revelando muito mais do que a série de dualismos óbvios (moralista-imoral, reacionário-subversivo, gênio-ignorante) a que alguns costumam lhe atribuir, e da qual partíamos quando iniciamos a pesquisa. Seu ritual de escrita mágica lhe permite ir muito além, atingindo dobras espaço-temporais que a maioria dos mortais, em sua estreiteza de espírito, jamais sonhou em vislumbrar. Armado de seu dialeto, ele tira toda espécie de coelhos da cartola, seja ressuscitando línguas, costumes, ou tradições mortas, ou encarnando, mediunicamente, o *zeitgeist* de épocas passadas e/ou futuras, e até mesmo os espíritos de gênios perecidos ou ainda por vir.

Este é o Nelson que gostaríamos de revelar. O fundador de uma língua e de um universo particular. O gênio em estado bruto. É claro que a realização dessa tarefa titânica não se resume a esta simples dissertação, que representa somente o passo inicial de muitos que ainda serão dados no futuro. Apesar de extenso, o

presente trabalho tinha como proposta a de realizar apenas um primeiro olhar sobre um universo cuja complexidade exige anos de pesquisa dedicada e uma disposição hercúlea da parte do pesquisador. Ainda assim, é necessário que tenhamos consciência do fracasso parcial a que tal empreitada se destina, visto que é praticamente impossível abarcar, no conjunto de uma fortuna crítica, todas as possibilidades de interpretação que o universo rodrigueano sugere. Mas como viver é sinônimo de sonhar (ou ser sonhado?), continuaremos idealizando em construir a nossa Babel, independentemente da impossibilidade concreta em realizar tal façanha. Pois, em geral, não são justamente os projetos inalcançáveis aqueles em que mais gostamos de nos embrenhar?

Paramos aqui, com a alegre certeza de que voltaremos a nos encontrar muito em breve. Fiquem com Deus.